

**A AÇÃO EMPREENDEDORA E SEU VIÉS ESTRATÉGICO
COMO FATOR DE DESEMPENHO NO ENSINO
UNIVERSITÁRIO: Uma visão sob a ótica do paradoxo da amizade e
suas conexões nas redes intereducacionais**

JOSÉ ROBERTO GAMBA
FACULDADE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE (FCDA)
jose.roberto335@gmail.com

JOÃO GALDINO DA SILVA NETO
galdinoneto@ig.com.br

Introdução

As discussões interdisciplinares do ensino nas universidades brasileiras, trouxeram mudanças na forma de pensar, seu desenvolvimento e o relacionamento, propondo, novas formas de se analisar e avaliar o desempenho dos alunos em sala de aula e nas pesquisas, discutindo, princípios e conceitos básicos que têm norteado a definição de empreendedorismo, estrutura, temporalidade, mudanças, continuidade, necessidades, suas capacitações no paradigma da rede tendo como pano de fundo o paradoxo da amizade

Problema de Pesquisa e Objetivo

Problema da pesquisa: Existe melhor desempenho dos alunos devido à amizade e proximidade com um (uns) estudante (s) com maior (es) relacionamento (s) e desempenho (s) superior (es) aos demais?

Objetivos: estudar as amizades entre os alunos caracterizando-se por sua homogeneidade de traços de personalidade, interesses, status ocupacional, número de amigos e, duração da amizade, analisando os relacionamentos ocorridos dentro de salas e suas influências no desempenho, conectividade e notas.

Fundamentação Teórica

Estudar o desempenho, relacionamento, compreender o que se passa no grupo, como se formam, funcionam e desaparecem, definindo o grau de desempenho do grupo como um campo de pesquisa progressivo, estudando por quanto tempo esse grupo interage, as possibilidades dos mesmos terem maiores conexões, conseguirem melhores resultados em termos educacionais, possibilitando novas iniciativas propostas as universidades em estudar seu desempenho, proporcionando nova ferramenta para os gestores educacionais

Metodologia

Realizada de 2012 a 2015, com 2.305 alunos de 4 universidades de SP, de Administração de Empresas e Ciências Contábeis, 1.842 permaneceram até o 8º semestre, respondendo e atualizando o questionário composto por perguntas (uma aberta e seis fechadas), determinando , 12.894 respostas. Parte teórica com autores nacionais e internacionais sobre o tema do paradoxo da amizade, redes educacionais, administração e relacionamentos no ensino superior, na prática, questionário e tabulação dos dados.

Análise dos Resultados

Com base, na interação e na avaliação acadêmica, sua contribuição científica, apresentou um trabalho feito nas experiências dos autores sobre a amizade e conexões, propondo, modelo conceitual e prático, contribuindo para o estudo do desempenho educacional, a partir das conexões dos atores periféricos, influenciados pelos atores centrais dessa conexão, proporcionando novos estudos a respeito do desempenho de alunos do ensino superior, em seus relacionamentos e conectividades em sala de aula.

Conclusão

A pesquisa, buscou demonstrar a importância para os alunos terem em seu convívio, pessoas que agreguem conhecimento e melhoria em seu desempenho dentro da universidade, projetando novos modelos de avaliações para melhorar a capacidade de se trabalhar em redes com os alunos, ação pedagógica do professor, seja, na integração e interação dos mesmos com os alunos e também, no fortalecimento do paradoxo da amizade visando nova criatividade, inovação e qualidade do ensino universitário do Brasil.

Referências Bibliográficas

ADAMS, R. G., BLIESZNER, R. & DEVRIES, B. BANDURA A. BARROS, R., MENDONÇA, R. e SANTOS, D. BAUMAN, Z. BERGAMINI, C. W. BUKOWSKI, W. BURT, S. CABALLO, V. E. CASASSUS, CASTELLS M. COLE, T. & BRADAC, J. J. DIMAGGIO, P. J., POWELL. FEHR, B. FRANCO. FROMM, GAMBA e GIGLIO, GIL, A. C. GRANOVETTER, OLLANDER, E. P. KOH, Y. J, MENDELSON, M. J., & RHEE, U. MARTELETO, R. M. MATTAR, MORIN, E., NOHRIA, N.; ECCLES, R. OLIVEIRA, PINSONNEAULT, A.; KRAMER, K.L. RASWLINS, W. K. RICHARDSON, SÁ, M S M; VALLE, B de B

A AÇÃO EMPREENDEDORA E SEU VIÉS ESTRATÉGICO COMO FATOR DE DESEMPENHO NO ENSINO UNIVERSITÁRIO: Uma visão sob a ótica do paradoxo da amizade e suas conexões nas redes intereducacionais

THE ENTREPRENEURIAL ACTION AND YOUR BIAS AS STRATEGIC PERFORMANCE FACTOR IN UNIVERSITY EDUCATION: A view from the perspective of the paradox of friendship and connections in intereducational networks

Resumo

As relações obtidas sobre o grau de interações entre as pessoas, são fatores relevantes para estudos a respeito do paradoxo da amizade. Nas sociedades em redes, reguladas pela lógica do favorecimento pessoal, interpessoal, social e racional, privar-se desses conhecimentos e dos resultados de seus relacionamentos, torna-se *a priori*, elemento significativo para os que procuram pesquisar e trazer novas discussões para academia bem como, aos gestores educacionais. Assim, diante desse cenário, surgiu a ideia da pesquisa a respeito dos relacionamentos, comprometimento, cooperação, confiança e desempenho entre alunos de um mesmo grupo em sala de aula, em relação aos outros da mesma sala, tendo como pano de fundo, os graus de conectividade entre eles, possibilitando ou não, maior ou menor desempenho entre os mesmos, ou seja, alguém ocupando o centro da rede, poderia influenciar decisivamente na mudança de comportamento e desempenho dos atores de sua rede, em relação aos demais. Portanto, para o desenvolvimento e a análise desse artigo a respeito do tema proposto, se tornou fundamental, acompanhar durante quadro anos, alunos de quatro universidades pesquisadas, seus relacionamentos, suas interatividades, como também seus aproveitamentos em termos de trabalhos, notas e resultados obtidos pelos mesmos com o passar dos anos no meio universitário.

Palavras-chave: Paradoxo da Amizade. Desempenho Educacional. Relacionamento e Conectividade.

Abstract

The ratios obtained on the degree of interactions between people, are relevant factors for studies of the paradox of friendship. In societies networks, governed by the logic of personal, interpersonal, social and rational advantage, depriving yourself of this knowledge and the results of their relationships, it becomes *a priori* significant element for those seeking to research and bring new discussions to gym as well as to educational managers. Thus, in this scenario, the idea of research on relationships, commitment, cooperation, trust and performance among students of the same group in the classroom, in relation to others in the same room, with the background, degrees connectivity between them, allowing or not, more or less performance between them, ie someone occupying the center of the network, could influence decisively in changing behavior and performance of the actors in their network than the other. Therefore, for the development and analysis of this article on the proposed theme became crucial follow for years frame, students from four surveyed universities, their relationships, their interactivity, as well as their exploitations in terms of work, notes and results the same over the years in the university environment.

Keywords: Paradox of Friendship. Educational performance. Relationship and connectivity.

1. INTRODUÇÃO

Os avanços ocorridos nas últimas décadas, presentes nas discussões interdisciplinares da ciência do ensino nas universidades brasileiras, trouxeram mudanças na forma de pensar o estudo, seu desenvolvimento e o relacionamento humano, propondo, novas formas de se analisar e avaliar o desempenho dos alunos em sala de aula e em suas pesquisas.

Neste trabalho, são discutidos, princípios e conceitos básicos que têm norteado a definição do próprio desenvolvimento humano desses alunos, dentre eles, a estrutura, temporalidade, mudanças, continuidade, necessidades e suas capacitações.

O que se pretende não é apenas divulgar ou comentar resultados de um trabalho teórico e empírico, mas sim, articular ações para pensar e desenvolver teorias e novos paradigmas a respeito das formas de medir e analisar o desempenho dos alunos frente aos trabalhos desenvolvidos, sejam em sala de aula, ou fora do ambiente escolar, como também, novas propostas no campo de pesquisa científica. A ideia é partilhar o que se entende por criatividade e inovação na área educacional e depois, sistematizar alguns desafios e estratégias, face aos conceitos de rede e das vantagens em se trabalhar em grupos conectados e interligados entre si.

Criatividade, inovação, empreendedorismo, redes, estratégia e amizade são termos bastante utilizados nos dias de hoje, indicando assim, a sua relevância para o desenvolvimento e o progresso da sociedade. Entretanto, estes termos são raramente apresentados de forma combinada, indicando que pouco é percebido de sua intrincada relação.

Portanto, considerando a grande necessidade de compreensão destes conceitos devido ao seu impacto na qualidade e no desenvolvimento de novas estratégias para melhoria de vida dos indivíduos seja, intelectual como profissional, faz-se necessário clarificar estes temas e suas interligações.

A criatividade e a inovação podem ser entendidas como a interação entre processos de personalidade e elementos ambientais, abrangendo aspectos educacionais, sociais e culturais, devendo ser estudadas sob diferentes ângulos ou facetas (WECHSLER, 2008).

O empreendedorismo, as redes e as estratégias, inseriram novos processos desenvolvidos pela sociedade, sendo que um deles, é o trabalho em rede, ou mais conhecido como o paradigma da sociedade em rede, onde todos estão conectados, tornando-se importante quando se cria novas estratégias empreendedoras para melhorar o desempenho das pessoas e empresas por meio das relações que desenvolvem e que fortalecem a esfera social em relação a seu desempenho, definindo assim, a estrutura da própria sociedade em rede.

A partir da estruturação desses conceitos, o mundo passou a viver o paradoxo da busca da verdade, do conhecimento e das práticas em se trabalhar em parcerias, e quanto mais nos aproximamos delas, mais percebemos o quanto nos falta saber, pois, reconhecer que sabemos e ao mesmo tempo não sabemos nos relacionar é o início de um novo caminho rumo a esta que é a mais importante ferramenta humana no plano das relações: a comunicação, a interação e a conexão interpessoal provenientes da própria amizade entre os diversos atores relacionados.

Esse poder se chama poder dos relacionamentos, algo que todos possuímos, mas poucos utilizam a seu favor, pois, a verdade é que ninguém vive isolado, o ser humano precisa estar em contato com seu semelhante, estabelecendo relacionamentos, interagindo uns com os outros em seus diversos ambientes, onde, cada indivíduo com suas atribuições, responsabilidades e tarefas, participam e colaboram coletivamente para o bem comum.

Este artigo apoiando-se na estrutura teórica sobre o paradoxo da amizade, propõe a criação e a inovação de uma nova forma de analisar os relacionamentos entre alunos universitários das classes do 1º ao 8º semestre dos cursos de administração e de contabilidade de quatro universidades de São Paulo como base para avaliações de desempenho entre eles em relação a sua conectividade com outros alunos, verificando os que mais conexões têm dentro da sala da graduação, seu aproveitamento e sua influência sobre os demais.

2. PROBLEMA DE PESQUISA E OBJETIVO

De acordo com Raswlin, (1992); Koh, Mendelson, & Rhee (2003), pesquisas a respeito do paradoxo da amizade, consideram que o período em que o indivíduo está se dedicando aos estudos universitários consistem em uma etapa importante na formação e manutenção de amizades mais próximas como, padrões de sociabilidade, interpessoalidade e inter-relacionamentos.

Casassus (1995), ao examinar o alcance desses padrões como mecanismo para elevar a qualidade da educação, identifica quatro dimensões no seu estudo: A primeira, aos objetivos pedagógicos que constituem o elemento básico dos conteúdos programáticos; a segunda, ao que seria desejável, indicando os níveis de excelência em relação ao que se espera da educação; a terceira, o que efetivamente se alcança e é aferido nas avaliações e a quarta, o que torna a realização dos resultados anteriores factível, ou seja, as condições e os recursos necessários para que sejam alcançados os conteúdos programáticos desejáveis.

Para Koh et al. (2003) ao argumentarem que a população de estudantes universitários é ideal para o estudo do paradoxo das amizades, fortaleceu a ideia, justificando esta pesquisa, como também, propondo um estudo a respeito do relacionamento e vínculos de amizade desses alunos, seus relacionamentos em grupos de trabalho e em redes, que podem se tornar base influenciáveis para seu desempenho, como também, explicar esse sucesso ou não.

Sendo assim, a partir do exposto pode-se definir o problema da pesquisa da seguinte forma: *Existe melhor desempenho dos alunos devido à amizade e proximidade com um (uns) estudante (s) com maior (es) relacionamento (s) e desempenho (s) superior (es) aos demais?*

Quanto aos objetivos, a pesquisa tende a estudar as amizades entre os alunos universitários caracterizando-se por sua homogeneidade de traços de personalidade, interesses, *status* ocupacional, número de amigos, duração da amizade e tipos, que segundo Adams, Blieszner, e Devries (1992) e Fehr (1996), esta tendência não decorre apenas da dificuldade para coletar dados nas universidades, mas também do fato de que, nesta etapa, as amizades são mais evidentes, pois interferem diretamente em suas vidas acadêmicas, profissionais e sociais.

Sendo assim, o intuito foi estudar os relacionamentos ocorridos dentro de salas do nível superior e como podem influenciar no desempenho desses alunos em relação a sua conectividade em uma rede, mensurando seus efeitos, com base no paradoxo da amizade e como essa melhora de desempenho, influencia os demais componentes do grupo e da classe em geral.

Procura-se também, fazer uma correspondência da influência dos contatos em relação aos componentes dos grupos existentes na sala de aula, tendo como fundamentação, o estudo sobre a melhora ou não dessas amizades durante os anos vividos nas universidades e, posteriormente, uma análise sobre o grau de desempenho entre os alunos com maior grau de amizade e de conectividade no transcorrer desses anos, identificando suas conexões como fatores que contribuem no crescimento desses contatos, no convívio com os demais, e em seu próprio desempenho, relacionando as notas dos ingressantes com os concluintes e dos que trabalham em grupo com aqueles que trabalham isoladamente com base no paradoxo da amizade.

Espera-se com a pesquisa, encontrar resultados diferenciados de produtividade entre os alunos ingressantes e os concluintes, como também entre os que trabalham em grupo, daqueles que trabalham isoladamente, tendo como fator relevante, o paradoxo da amizade e o trabalho em rede, cujos resultados, possam afirmar a presença, e conseqüente importância, das amizades na vida desses universitários.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Bandura (1977) ao estudar o desempenho de um grupo e seu relacionamento, afirma que para alguém compreender bem o que se passa dentro do grupo, deve examinar com atenção as maneiras pelas quais eles se formam, como funcionam e como desaparecem, definindo o grau de desempenho do grupo como um campo de pesquisa progressivo, ou seja, deve ser estudado em um sentido longitudinal, pois quanto maior tempo esse grupo interage, maiores são as possibilidades dos mesmos terem maiores conexões de relacionamento, como também, conseguirem melhores resultados, como por exemplo: melhores notas, aproveitamento do conhecimento, relações interpessoais e liderança.

Ele reconhece a importância das relações interpessoais, enfatizando a aquisição de novos comportamentos como produto das interações sociais, cujos relacionamentos vão sendo fortalecidos no meio do grupo, surgindo novas lideranças, trocas de conhecimentos e experiências, influenciando a aprendizagem e o aproveitamento dos demais atores, de acordo com o grau de conectividade no grupo.

Segundo estudo sobre o paradoxo da felicidade conduzido nos Estados Unidos, Fowler e Christakis (2007) propuseram-se a avaliar se a felicidade se dissemina de pessoa para pessoa e se existem nichos de felicidade formados nas redes sociais.

Os autores acompanharam dados de 4.739 indivíduos entre os anos de 1983 e 2000. Os resultados do estudo apontaram que aglomerados de pessoas felizes e infelizes são visíveis na rede, existindo uma relação entre a felicidade delas, cujo segredo para entender as pessoas é entender as conexões existentes, onde o foco passou a ser a compreensão dos laços sociais entre elas, pois, para saber quem somos, precisamos entender como e com quem, estamos conectados.

De acordo com o estudo, uma pessoa tem aproximadamente 15% a 25% mais probabilidade de ser feliz se alguém diretamente conectado a ela, estiver feliz. Estas conexões se estendem, ou seja, o amigo de um amigo, o efeito sobre ele, é de 10% a 15%, e para o amigo do amigo, do amigo, é de 5% a 8%. A partir de quatro graus, ele diminui e se perde na rede.

Vale ressaltar as pesquisas realizadas por Hollander (1978), Yukl & Van Fleet (1992) e Bergamini (1994), identificando que, a amizade, apesar de não ter sido devidamente pesquisada pela ciência da administração nas organizações como fator produtivo, foi conceituada em termos educacionais, estudando-se os traços de personalidade, estilos de comportamento e fatores contingenciais no desempenho escolar dos alunos.

Segundo Barros et al. (1999) e Bukowski (2001) por ser um assunto relevante para a literatura, em termos educacionais, mesmo utilizando-se de ferramentas organizacionais, institucionais e administrativas para se estudar tal paradoxo, não existe ainda uma estrutura teórica para alocá-la, mas, com as novas iniciativas propostas pelas universidades em estudar o desempenho dos estudantes, identificando suas capacitações e suas dificuldades de desenvolvimento, os mesmos, passaram a ser cobrados cada vez mais, pois melhorar a qualidade da educação é hoje, o mais importante desafio no campo das políticas sociais.

Souza, Hutz e Soares (2007), ao perceberem tal lacuna, investigaram características dos relacionamentos de amizade especificamente entre jovens e adultos, sustentando que, durante essa fase, a amizade se caracteriza por uma homogeneidade em diversos aspectos, como sexo,

idade, estado civil, escolaridade, renda, religião, etnia, traços de personalidade, interesses e atividades compartilhadas, entre outros.

É fundamental, portanto, reconhecer a importância da educação, mas é preciso obter um diagnóstico claro das causas, problemas e efeitos, traçando estratégias e políticas que melhorem o quadro atual, pois, a solução, passa por estratégias e políticas da própria instituição em parceria com o governo, para que não sofram descontinuidades nos processos de avaliações.

Nos últimos anos as Universidades e o Ministério da Educação, têm alterado a forma de avaliação e critérios para medir o desempenho dos alunos de graduação com base nas exigências do próprio Ministério, como: o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), o ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes), SINAES (Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior), as provas de Proficiência da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), do CRC (Conselho Regional de Contabilidade) e das Universidades de Medicina, tendo em vista medir melhor a capacitação e o desempenho desses alunos, proporcionando a sociedade, profissionais melhores capacitados para enfrentar a concorrência no mercado de trabalho.

A partir dessas provas no ensino médio, bem como, no ensino superior, a proposição é que, consigam se qualificar e possuir capacitação para desenvolver suas profissões com eficiência, mesmo que, os resultados permaneçam muito aquém dos níveis desejados, porém, já começam a produzir reflexos positivos no sistema de ensino superior, tanto que, o caráter seletivo e excludente para os novos egressos e concluintes, que representava o maior entrave à expansão dos níveis de ensino mais elevados, hoje, estão se mostrando eficazes para promover a universalização e a melhoria das taxas de eficiência, dinamizando todos os demais níveis de ensino, como demonstra a produtividade do sistema educacional brasileiro, beneficiando diretamente o ensino superior, bem como o próprio mercado de trabalho.

Para Caballo (2006), ao se desenvolver tais habilidades, se tornam fundamentais os laços de amizade, que, embora tenham uma raiz no temperamento do indivíduo, são, inegavelmente, passíveis de treinamento e aprendizagem, principalmente através da observação do comportamento dos outros amigos e pares.

Segundo estudo conduzido pela psicóloga Kathryn Wentzel¹, estudantes que mantêm uma rede de amigos próximos são mais cooperativos do que estudantes que não têm amizades recíprocas ou que agem isoladamente, pois, não é apenas ter um amigo que impulsiona a adaptação social e escolar, também é importante ser amigo, ou seja, as amizades recíprocas influenciam e proporcionam melhor comprometimento entre as partes.

Portanto, em consonância com este estudo, esta pesquisa, analisou o grau de amizade e relacionamento entre diversos alunos e a influência que eles geraram no desempenho dos demais grupos estudados, tendo como proposição orientadora, verificar se os alunos são frequentemente motivados a agir de acordo com o grupo e a adotar comportamentos similares daqueles com os quais têm um vínculo emocional forte, ou seja, a própria sociabilidade, como também, se o seu desempenho escolar é influenciado pelo desempenho do ator ou dos atores centrais da rede ou da sub rede de amizades a qual o indivíduo pertence, tendo como proposta, criar e desenvolver um sistema de avaliação que poderá ser implantado.

Duck & Perlman, (1985), Merleau-Ponty (1994) e Wentzel (2004) caracterizaram a centralização das relações entre o sujeito, o objeto, a indissociabilidade do ser humano e o mundo, como uma unidade entre o ato de conhecer e o seu correlato, ou seja, aquilo que é conhecido, representando a sociedade como polos não separados, estando ligados entre si através de uma rede seja ela de negócios, de amizades ou social, onde o "paradoxo da amizade", se torna o fator de imersão na constituição e desenvolvimento de redes, possibilitando a

¹ PhD da Universidade de Maryland, publicado no Journal Educational Psychology (06/2004, v. 96, n.2).

avaliação das atitudes dos atores periféricos influenciados pelos atores centrais, sendo esse relacionamento pessoal e voluntário.

Granovetter (1985) utilizou o mesmo argumento ao estudar os laços fortes e fracos entre os atores de uma rede, constatando que esses laços, podem proporcionar maiores vantagens ou não, decorrentes dessas relações. Com base neste conceito, pode-se estabelecer uma articulação com o esforço das redes de ensino para prover através de sistemas de avaliação diferenciados uma educação de qualidade, como também as próprias relações sociais.

Fromm (1987) e Bauman (2004) valorizam a cultura e as relações sociais para explicar o ser humano e sua necessidade de vida em conjunto incentivando o socialismo comunitário. Sua análise indica que a identidade é formada nas relações sociais de cada pessoa, o que é uma ideia utilizada por Nohria e Eccles (1992) na afirmativa de que a identidade de uma pessoa se forma nas suas relações, em seus imbricamentos e suas imersões em múltiplas relações, algumas das quais são fluídas, outras fracas e pouco desenvolvidas.

Em relação aos relacionamentos dos alunos, Rawlins (1992) afirma que, a entrada na universidade requer do indivíduo um ajustamento emocional para construir um novo sistema de apoio social e renegociar relacionamentos familiares e amizades preexistentes.

Complementando tal afirmativa, Sarason et al. (1995), Cole, Bradac e Fehr (1996), determinam que durante essa fase, os melhores amigos também tendem a conviver perto um do outro, contribuindo para que se desenvolva uma participação efetiva em seus desempenhos, pois, ter um melhor amigo, conduz a diferenciadas satisfações com estas amizades.

Segundo Zuckerman e Jost (2001), este paradoxo, trata da avaliação de popularidade de uma pessoa em relação às outras, sendo que o trabalho realizado na Universidade de Chicago², demonstrou que as pessoas estão mais envolvidas pelo sucesso de amigos do que de estranhos.

Argyle (2001); Berscheid & Regan, (2005) e Behens (2006) afirmam que, os relacionamentos pessoais ou mais próximos, atenuam a solidão e proporcionam bem-estar subjetivo, tendo, portanto, papel importante no desempenho e na sua própria capacitação.

Eles, identificam aspectos similares aos apontados por Duck, Perlaman, Sarason e Fehr, visualizando a utilidade de buscar esta companhia não só como prazer mas também, como companheirismo na realização de tarefas conjuntas, cujas variáveis, vêm sendo abordadas como fatores intrínsecos ao estudo, por exemplo: similaridades, compreensão, dedicação mútua, reciprocidade, confiança, comprometimento, compromisso, facilidade de comunicação, aconselhamento, coexistência, disponibilidade, respeito, confiança, espontaneidade, estabilidade, sucesso, habilidades sociais, responsabilidade, dependência, frequência de contato, proximidade, auto validação, conformidade ao grupo, popularidade e cooperação.

Para Sá, Valle e Delou (2008) o processo de ensino e aprendizagem, vai além dos conteúdos didáticos. É importante conhecer e acompanhar o desenvolvimento de cada estudante, seja em seu desempenho ou nas suas amizades durante o período escolar para que seja proporcionada a eles, uma metodologia que facilite seu desenvolvimento, cujos resultados esclarecem como padrões objetivos de contato interpessoal, trabalham em conjunto com características cognitivas e motivacionais, moldando sua percepção no mundo social,

Mesmo que exista esta referência a partir de Monroe (1898), o interesse pelo estudo sobre amizade e desempenho, cresceu nos últimos anos nos Estados Unidos, Canadá e mais recentemente na Europa, mas infelizmente de pouca expressão na literatura nacional. Segundo Santos (2011), somente nos últimos anos, alguns pesquisadores têm se dedicado a investigar o impacto dos relacionamentos de amizade sobre o ser humano durante seu ciclo vital.

² Escola de Chicago (Durkheim, Marx e Weber)

Essas variáveis como, as habilidades sociais, saúde, qualidade de vida e longevidade das pessoas, demonstram a grande relevância no estudo da amizade e desenvolvimento humano, porém, falta ainda, maior interesse no estudo sobre a amizade e a interação dos alunos no mundo universitário, inclusive para verificar se os modelos internacionais correntes são satisfatórios para explicar adequadamente relações de amizade entre eles na cultura brasileira, por exemplo os estudos sobre alunos universitários e suas redes conectivas como fundamental importância para seu desempenho estudantil, pouco explorado inclusive, pela academia dos outros países.

Em relação as redes, sejam elas pessoais ou sociais são um fato inerente ao existir humano. Dentro das redes, os relacionamentos de amizade ocupam grande espaço. Com isso, o estudo sobre amizade de diversos atores interconectados em redes representam um campo de estudos imenso para a configuração de seus entrelaçamentos e de seus desenvolvimentos sejam eles no aspecto social, como também intelectual.

Para Marteleto (2001) e Tomaél (2007), as redes sociais, racionais ou econômicas são definidas como um conjunto de participantes unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados, formadas por relações complexas, podem ocorrer entre indivíduos, grupos ou organizações, organizados em torno de interesses, valores ou crenças comuns.

Elas se desenvolvem à medida em que os contatos vão sendo feitos, resultando na construção social e intelectual dos indivíduos, cujas similaridades formam um agrupamento social, em virtude dos atores aproximarem-se de outros atores que lhes inspirem confiança, comprometimento e cooperação, que tenham relações de amizade, ou profissionais, como também, compartilhem das mesmas aspirações.

Segundo Dimaggio e Powell (1983), Castells (2003), Burt (2009), Franco e Oliveira (2010), ao participar de uma rede, as pessoas passam a ser percebidas com distinção em sua área de atuação, recebendo maior crédito e reconhecimento por parte dos demais, pois, garantem maior legitimidade em suas ações através das facilidades nas trocas de experiências, conhecimentos e recursos, redimensionando a importância da sua participação e dos outros atores em seu contexto institucional, formando dois elementos principais: a estrutura e a dinâmica. Em relação a estrutura, ela refere-se aos componentes da rede, conforme apresentado no quadro 1:

Quadro 1. Componentes da estrutura das redes sociais

Componente	Definição
Nós	indivíduos e atores que disseminam a informação.
Elos	interesses ou objetivos comuns que unem dois ou mais nós.
Vínculos	<ul style="list-style-type: none"> • fortes ou fracos: aqui a comunicação pode ser intensa e duradoura ou eventual e informal, mas não necessariamente ineficaz ou irrelevante. • recíprocos ou não-recíprocos: interações frequentes ou não. • diretos ou indiretos: os indivíduos podem se comunicar com a rede diretamente ou através de outras pessoas que os representam.
Papéis	<ul style="list-style-type: none"> • nós ativos: estabelecem comunicação com maior frequência. • nó focal: para onde converge o maior fluxo de mensagens da rede. Líder. • isolados: acompanham o fluxo de informações sem participar ativamente. • líderes de opinião: influenciam as atitudes dos demais participantes da rede. • especialistas: detentores de conhecimentos e/ou experiências imprescindíveis para o funcionamento da rede. • ponte: único elemento de ligação entre dois ou mais cliques.
Cliques ou clusters	• subgrupos formados por interações frequentes em torno de interesses comuns.

Fonte: adaptado de Aguiar (2006).

Quanto a dinâmica, ela indica o processo de desenvolvimento das relações intrínsecas entre os atores, caracterizada pelos seguintes aspectos: o padrão do fluxo de informação entre os nós; o ritmo das interconexões e do fluxo de informação, que pode ser contínuo ou descontínuo, regular, sazonal ou eventual; os graus de participação dos integrantes da rede,

frequência com que se comunicam, a qualidade do que comunicam e os efeitos dessa participação nos demais membros e no desenvolvimento da rede.

Verschoore e Balestrin (2008), afirmam que, as redes sociais tendem a ampliar a competitividade das pessoas e empresas que fazem parte da mesma rede em relação as outras redes, gerando desenvolvimento intelectual, social e econômico por meio do incentivo à formação de novas redes.

Desta forma podemos determinar que as pessoas ao viverem constantemente em redes e necessitarem das mesmas para melhoria própria, como também, para seu desenvolvimento e de seus pares, representa, segundo Gamba e Giglio (2012) temas de interesse atual, pois indicam algumas soluções de desenvolvimento de grupos de pessoas, fundadas na ação coletiva; na cooperação, no comprometimento e na confiança as quais os modelos tradicionais de competição isolada não conseguem abarcar.

Segundo os mesmos autores, nas redes, cada indivíduo tem sua função e identidade cultural. Sua relação com outros indivíduos, vai formando um todo coeso que representa o desenho da rede. De acordo com a temática da organização da rede, é possível a formação de configurações diferenciadas e mutantes.

Sendo assim, a importância de se estudar o assunto, como também, o fator associado a essa aprendizagem se justifica, pois permite a avaliação e a análise do desempenho feita em relação aos alunos, sendo essa, a questão norteadora dessa pesquisa, proporcionando uma nova ferramenta para os gestores educacionais, como também, poder analisar através de dados levantados, se o efeito da amizade entre os alunos universitários, exerce influências positivas ou negativas no desempenho dos mesmos, como forma de explicar o resultado de suas notas, influenciadas ou não pelos atores centrais ou periféricos, identificando e mensurando os principais ganhos proporcionados pelos alunos que trabalham no formato de redes, em relação aos alunos que convivem ou que trabalham isoladamente, ou mesmo, que possuem menor conexão com os demais alunos.

4. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada nos anos de 2012, 2013, 2014 e 2015, com 2.305 alunos de quatro universidades de São Paulo, sendo que 1.842 permaneceram até o 8º semestre, respondendo e atualizando o questionário composto por sete perguntas (sendo uma aberta e as outras seis fechadas), determinando então, 12.894 respostas; alunos, cujos perfis em relação a seus relacionamentos com os demais foram bem diferentes no passar dos anos, proporcionando base fundamental para análise, como também nos resultados.

É importante citar, que ao término de cada semestre, era solicitado a coordenação e aos professores que, os mesmos colocassem a disposição dos autores, as médias desses alunos para futura tabulação e acompanhamento do progresso ou não das mesmas, sendo que a escolha dos sujeitos como unidade de análise, deve-se ao fato de sua representatividade como fator essencial para estudo sobre o desenvolvimento da amizade, formas de trabalhos, aumento da produtividade e dos desempenhos, pois, o estudo sobre relacionamentos em grupo, podem gerar melhores resultados, seja, nos trabalhos e notas, tornando-se elemento vital num processo de inovação e novas formas de se trabalhar em sala de aula.

A pesquisa foi caracterizada como estudo de caso, utilizando-se do método descritivo, comparativo e quantitativo, conforme classificações de Triviños (1987), Gil (1991), Sampieri *et al.* (1994, p. 61), Mattar (1996), Richardson (1999) e Yin (2001).

A pesquisa descritiva e comparativa pretende apresentar com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade. Portanto, são, juntamente com as exploratórias, as que

habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais solicitadas por organizações, instituições educacionais e partidos políticos.

Como campo de investigação, a pesquisa envolveu o estudo sobre o paradoxo da amizade, como também, de documentos e outras fontes secundárias através de um trabalho de acompanhamento dos resultados alcançados até o encerramento da pesquisa.

Quanto ao método de estudo de caso, é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidos.

Em relação aos questionários, são técnicas de pesquisas realizadas com um entrevistado, e, ao responder ao mesmo, o participante focaliza um determinado problema e o faz segundo um modo específico de abordá-lo, pois, não existe normas claras para sua adequação a clientelas específicas, tanto que, é responsabilidade do pesquisador determinar o tamanho, a natureza e o conteúdo a ser questionado.

Ela foi realizada com alunos de cursos de graduação (Administração de Empresas e Ciências Contábeis), onde se pegou uma amostra inicial do 1º semestre em 2012. Posteriormente acompanhou-se esses mesmos alunos em seus próximos semestres, ou seja, até o 8º, em 2015, por exemplo: aluno do 1º semestre em 2012, novamente questionado no 2º semestre, como também, em 2013, 2014 e 2015, sendo comparados com os demais formandos.

Nesse procedimento, procurou-se entrevistar sempre os mesmos alunos, observando seu desempenho, aumento ou não de conectividade e melhorias ou não durante os anos, observando principalmente sua interação entre os grupos de alunos da classe, como também seu desempenho e suas notas.

A amostra abrangeu quatro universidades, com uma representatividade de 80% (1.842 que terminaram os cursos), sendo 816 do sexo masculino e 1.026 do sexo feminino.

O questionamento foi realizado com o objetivo de identificar a influência do paradoxo da amizade, como também o grau de desempenho proveniente das conectividades entre eles em sala de aula. Composto por sete perguntas, sendo a primeira aberta, solicitando ao respondente indicar o nome de três pessoas com quem ele melhor se relacionava em sala de aula e o grau de desempenho proveniente das conectividades entre eles.

As demais, foram de respostas fechadas, como: muito positiva; positiva; nem positiva nem negativa; negativa e muito negativa, a respeito das pessoas indicadas na primeira pergunta, conforme segue:

Questão 1: Cite 3 pessoas com quem você tem maior amizade e com quem você mais se relaciona:

Questão 2: A influência dessas pessoas que voce citou em relação aos outros alunos do grupo é:

Questão 3: A influência dessas pessoas sobre os colegas da classe pode ser considerada:

Questão 4: Voce aceita a opinião dessas pessoas como sendo:

Questão 5: As atitudes tomadas por eles em situações que envolvem a classe são:

Questão 6: Em relação ao desempenho escolar (notas) deles, sua avaliação é:

Questão 7: A avaliação que você faz da influência deles sobre o seu desempenho academico é:

A pesquisa realizada foi do tipo Survey (pergunta aberta) e de Likert (perguntas fechadas), sendo descrita como um instrumento para obtenção de dados ou informações sobre as características, ações e opiniões dos respondentes, utilizada no presente estudo por melhor se adaptar as características da mesma (PINSONNEAULT & KRAEMER, 1993).

Os questionários foram entregues por professores em sala de aula para os alunos dos cursos citados e depois de uma semana devolvidos para análise.

Em relação ao desempenho dos mesmos, no final de cada semestre, os professores repassavam as notas dos alunos que participaram da pesquisa para tabulação e conceitualização, de forma a se verificar se houve ou não melhoria das mesmas nos semestres seguintes aos cursos pesquisados, como também, sobre o aumento ou não de suas interligações e conectividades.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS E PROPOSTAS PARA NOVAS PESQUISAS

Para análise dos resultados, utilizou-se do Excel no levantamento de dados coletados e o Software Ucinet, para demonstração dos dados obtidos.

Quadro 2. Alunos x número de Conexões

Quantidade de Conexões	Quantidade de alunos	Percentual %
10	11	0,5 %
9	23	0,5 %
8	95	5 %
7	139	8 %
6	159	9 %
5	193	10%
4	237	13 %
3	344	19%
2	295	16 %
1	309	17 %
0	37	2%
Totais	55	1.842
		100%

Fonte: próprios autores (2015 e 2016).

Para a primeira pergunta sobre os três melhores amigos da sala de aula, foram apurados os seguintes resultados.

- Número de questionários entregues aos alunos 2.305 = 100%
- Número de alunos que participaram durante os 8º semestres 1.842 = 80%
- Número de alunos que saíram ou trancaram a matrícula durante o período 463 = 20%

Número total de conexões x quantidade de elementos 101.310

- As conexões de maior quantidade: 3 - 344 alunos 19%
- A conexão com o maior número de elementos é: 10 - 11 alunos 0,5%
- A conexão com o menor número de elementos é: 1 - 309 alunos 17%
- Quantidades de elementos sem conexão a alguém: 0 - 37 alunos 2%
- Número de perguntas respondidas 10.974 100%
- Muito positiva 4.597 42%
- Positiva 5.594 51%
- Nem positiva, nem negativa 395 4%
- Negativa 255 2%
- Muito negativa 133 1%

Quantidade de Alunos que terminaram o curso por Universidade 1.842 100%

- Universidade 1 469 25%

- Universidade 2 487 26%
- Universidade 3 434 24%
- Universidade 4 452 25%

Com base nos dados apurados, concluiu-se que: devido a forma trabalhada pelos professores em sala de aula com os alunos, ou seja, provas, pesquisas em grupos e seminários percebeu-se que as conectividades acontecem em média até com três alunos (52%); os grupos de alunos com número de conectividades acima de três (46%), passa a acontecer principalmente, a partir do 5º semestre, onde a amizade é maior e a formação do grupo também, devido principalmente aos trabalhos com artigos e TCC.

Em relação às perguntas fechadas, a maior parte ficou com as respostas muito positiva e positiva, conforme quadros anexos, constatando então que os alunos dão muita importância para suas amizades e extraem das mesmas, pontos positivos para seu desempenho e influência junto aos demais alunos do grupo e dos outros grupos da classe.

Quanto as notas e conexões dos alunos participantes, chegou-se a seguinte conclusão:

Quadro 3. Conexões e notas de aproveitamento

Notas	Menos conexões	%	Mais conexões	%	Total em n.ºs.	Total em %
De 0 até 3,9	1188	64%	654	36%	1842	100%
De 4 até 7,9	598	32%	1244	68%	1842	100%
De 8 até 10,0	434	24%	1408	76%	1842	100%

Fonte: próprios autores (2015 e 2016).

O número de conexões apresentou-se da seguinte forma:

Nos primeiros semestres os números foram baixos, porém, com o transcorrer dos semestres esse número foi crescendo, possibilitando maiores conexões e com isso a avaliação das notas melhoraram conforme demonstrativo acima.

Conclui-se então, que os alunos com mais conectividade e maior grau de amizade, através das trocas de experiências, informações, conhecimentos e interação, passam a ter participações melhores e com isso tendem a melhorar seu desempenho e capacitação para o desenvolvimento de seus estudos, sendo que, a maioria dos alunos participantes, consideram que as atividades coletivas para produção do conhecimento colaborativo como: pesquisas, apresentação, trabalhos propostos e resolvidos em grupo, elaboração de textos, projetos seminários temáticos, contribuem efetivamente para a discussão crítica e reflexão proposta.

Com base na pesquisa teórica realizada, percebe-se que, os alunos universitários, parece continuar pouco investigado, principalmente no Brasil. Essa ausência parece refletir na tendência de pesquisadores nas últimas décadas de se dedicarem e priorizarem muito mais a pesquisa psicológica do desenvolvimento das crianças até de jovens adultos, mesmo em salas de aula, porém, com menos interesse em relação aos frequentadores dos campos universitários.

Torna-se importante neste momento apresentar propostas para futuros trabalhos bem como, requisitos necessários no desenvolvimento, capacitação e motivação dos alunos em vista do período do mesmo no âmbito universitário, conforme proposta a seguir:

Quadro 4. GEA – Gestão estratégica de avaliação

Propostas	Objetivos
Ementas, Planos de Ensino, Aulas e Propostas Curriculares: Apresentar aos alunos e professores todos os cursos, disciplinas, currículos, público-alvo, modalidades, recursos e trabalhos a serem realizados.	Vantagem: facilidade para o acesso a todas as informações, promovendo melhor a utilização dos dados, monitorando e gerenciando essas informações, como, com que, e com quem os mesmos interagirão em cada aula, em cada semestre e durante o curso.

Sistemas de Registros Acadêmicos: Disponível tanto para o ensino presencial quanto para a aprendizagem online.	Inclui registro de informações, como horários, locais das aulas, listagem de alunos, metodologias aplicadas, avaliações, tipos de pesquisas bibliográficas e de campo, trabalhos propostos e tabulação dos resultados alcançados em cada semestre.
Ferramentas de Avaliação de Competência: Inclui ferramentas de desempenho, como pré-testes que permitem diagnosticar potenciais, avaliarem o grau de prontidão para uma determinada atividade.	Permitir que professores e colegas realizem avaliações semelhantes para obterem informações sobre as necessidades de aprendizagem e trocas de novos conhecimentos e experiências.
Rastreamento da Aprendizagem e Agendamento das Tarefas.	Inclui serviços que acompanham o progresso do aluno e do professor ao longo das atividades, bem como, cria e desenvolve tarefas/atividades previamente agendadas.
Avaliação do Processo de Ensino e de Pesquisas Científicas: avaliação que podem contribuir com o nível de conhecimento do aluno com base na participação do mesmo em sala de aula com os outros colegas.	Oferece, interação, integração, parcerias e redes, seja no processo de aprendizagem, como também, oferecendo um feedback do andamento do processo permitindo alterações no plano de ensino no decorrer dos novos semestres.
Gerenciamento de materiais, recursos e propostas de pesquisas: Garantir que os materiais sejam acessíveis a atuais e futuros alunos, como também a novas pesquisas.	Livros e revistas atualizadas, dissertações e internet disponíveis nas bibliotecas de onde os usuários podem realizar downloads ou fazer cópias para pesquisas, com monitoramento adequado.
Recurso para Gerenciamento de Conhecimento: Baseados nas necessidades específicas dos usuários.	Disponer de programas e softwares com ferramentas para análises de dados coletados nas pesquisas realizadas pelos professores e alunos.
Criação, desenvolvimento e manutenção de redes interpessoais entre alunos e professores: Auxiliar no processo de criação e gerenciamento de comunidades dentro da sociedade em rede com objetivo de propiciar maior interação e colaboração entre os participantes.	Essa integração de Sistemas e das redes, visa disponibilizar recursos que viabilizam a integração do ambiente de aprendizagem, do ambiente de grupos (professores e alunos) com os sistemas de informações responsáveis pela gestão administrativa e estratégica da organização de ensino.

Fonte: próprios autores (2016).

Com essa proposta, pode-se afirmar que, não basta apenas compreender as relações de amizade e como elas influenciam o desempenho dos alunos, mas, interpretar como elas propiciam mudanças no processo de formação, na implementação de melhorias, na forma de ministrar e abordar as aulas, na interação com os alunos e na avaliação do dia a dia acadêmico.

Quanto a contribuição científica, apresenta-se um trabalho feito nas experiências dos autores sobre a amizade e suas conexões, propondo, um modelo conceitual e prático, contribuindo para o estudo do desempenho educacional, a partir das conexões dos atores periféricos, influenciados pelos atores centrais dessa conexão, pois, baseada no paradoxo da amizade, pretende-se proporcionar condições de novos estudos a respeito do desempenho de alunos do ensino superior, em vista de seus relacionamentos e conectividades em sala de aula.

Neste contexto, a proposta é a formação e reestruturação da metodologia educacional que atenda tanto ao paradoxo da amizade, como ao paradigma de redes, promovendo uma investigação na pesquisa-ação, com novos projetos educacionais, contribuindo para a melhoria do aprendizado, associado à mudança de hábitos e estudos além da sala de aula, delineando a criação de redes pessoais e organizacionais de pesquisa, dentro das novas proposições e estratégias educativas, como também, na nova administração e gestão das instituições de ensino.

6. CONCLUSÃO

Falar em paradoxo da amizade e de redes sociais em nosso tempo de globalização, empreendedorismo, processos inovadores, programas de reengenharia e qualidade total para a educação, em vista da ausência do estado em muitas ocasiões como coordenador e desenvolvedor de mudanças na área, pode trazer novas expectativas nas formas de administrar e pesquisar modelos para melhorar o desempenho dos alunos em relação a sua participação em sala de aula e nas pesquisas de campo, bem como, possibilitar maior conhecimento e utilização dessas ferramentas por parte dos mesmos, pois, pode dar um novo sentido e significado para este caminhar e para o ato de educar e ser educado.

Para que isso aconteça, pode ser construtivo tentar compreender os motivos destas mudanças sob o olhar de indagador e pesquisador, como forma de contribuir para que a universidade deixe de ser uma instituição obrigatória e estagnada nas construções educacionais de décadas passadas, passando a se constituir numa organização com ambiente atrativo e inovador não só a seus estudantes, mas também aos professores, repensando o currículo educacional nas temáticas que possam incorporar os projetos dos alunos, de maneira a trazer através dessas amizades, melhores condições de desenvolvimento e conhecimento para todos.

Essa pesquisa, buscou demonstrar o quanto é importante para os alunos terem em seu convívio pessoas que possam agregar conhecimento e melhorar seu desempenho, cujo intuito é, estudar formas de melhor absolver as amizades dentro do ambiente universitário, projetando novos modelos de avaliações para contextualizar melhor a capacidade de se trabalhar em redes com esses alunos, tendo em vista sua formação acadêmica e profissional.

Torna-se importante no ensino, conforme Senge (1995), Morin (2000) e Soares (2005), mais do que o repasse de conteúdo, um novo processo pedagógico, que contribua para o desenvolvimento da capacitação e novos conhecimentos no processo de aprendizagem contínua, procurando desenvolver a inteligência e o espírito de equipe entre os atores dos grupos, incentivar o coletivismo, discutir a formação das redes, contribuir na elaboração de projetos com temas atuais sobre empreendedorismo, sustentabilidade, inovação e estratégias, melhorando a comunicação e os relacionamentos entre professores e alunos, elevando a autoconfiança em prol de um *marketing staff*³.

Esse processo investigativo, buscou criar uma nova proposta que acolha as variações e procedimentos metodológicos com a criação das redes de alunos, suas conectividades e interação entre os atores, gerando, novas motivações de aprendizagem e novas experiências no ensino superior, cujo objetivo é prepara-los para o desenvolvimento acadêmico, organizacional e de pesquisa científica, como também, para o mercado de trabalho tão necessitado de profissionais que tragam soluções empreendedoras e inovadoras para a economia.

Para Saviani (2001, p. 41) na abordagem tradicional, o ensino era centrado no professor, o aluno aprendia com programas e disciplinas das quais, ele tinha de adquirir conhecimentos impostos, mesmo contra sua vontade, tanto que, o papel do professor era garantir que o conhecimento fosse obtido, independente do interesse e vontade do aluno, isso coloca em evidência o fato de que, criar modelos diferenciados de formação e/ou reformulação de currículo, pouco ou nada adianta, o que realmente precisamos é ir além do que e do como ensinar, concentrando esforços para rever essas concepções, presentes nas reformas educacionais, especialmente na formação de professores e pedagogos.

A nosso ver, essa revisão consiste, na reelaboração da epistemologia⁴ e da ação pedagógica do professor, seja, na integração e interação dos professores com os alunos e também, no fortalecimento do paradoxo da amizade como forma de contribuição no desenvolvimento intelectual dos mesmos, apontando para uma reorientação nos tratos

³ Marketing pessoal

⁴ Concepção de ciência

metodológicos, nos conceitos, nas tratativas dos trabalhos, nas avaliações e nos temas, visando mais atentamente a criatividade, inovação e à qualidade da educação superior no Brasil.

7. REFERENCIAS

ADAMS, R. G., BLIESZNER, R. & DEVRIES, B., Definitions of friendship in the third age: Age, gender, and study location effects. **Journal of Aging Studies**. 14(1), 1992.

ARGYLE, M., **The psychology of happiness**. New York: Taylor & Francis. 2001.

BANDURA A. **Social learning theory**. Englewood Cliffs: editora Prentice Hall, 1977.

BARROS, R., MENDONÇA, R. e SANTOS, D. **Determinantes do Desempenho Educacional no Brasil**; editora Mimeo, IPEA, 1999.

BAUMAN, Z., **Amor Líquido sobre a fragilidade dos laços humanos**, tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: editora Jorge Zahar. 2004, p.190.

BEHENS, M. A., **Paradigma da complexidade metodologia de projetos, contratos didáticos e portfólios**. São Paulo, editora Vozes, 2006.

BERGAMINI, C. W. **Liderança: Administração do sentido**. São Paulo, editora Atlas, 1994.

BERSCHIED, E. & REGAN, P., **The psychology of interpersonal relationships**. Upper Saddle River; editora Pearson, 2005.

BUKOWSKI, W. **The place of place in peer relations research**, Trabalho apresentado em uma conferência intitulada Hot Topics ou peer relations. Catholic University of Nijmegen, Nijmegen, The Netherlands, 2004.

BURT, S. Ronald. Network Duality of Social Capital in V. O. Bartkus: **Social Capital: Reaching out, Reaching In**. Cheltenham, UK; Northampton, MA: Edward Elgar, 2009.

CABALLO, V. E., - **Manual de avaliação e treinamento das habilidades sociais**. São Paulo: editora Santos, 2006.

CASASSUS, Juan. **Tarefas da educação**. Campinas: editora Autores Associados, 1995.

CASTELLS M. **A sociedade em rede - A era da informação economia, sociedade e cultura**: editora Paz e Terra, 2003

CHRISTAKIS NA, FOWLER JH. **The spread of obesity in a large social network over 32 years**. New Engl J Med.; 357 (4), 2007, p. 370-9.

COLE, T. & BRADAC, J. J. (1996). A lay theory of relational satisfaction with best friends. **Journal of Social and Personal Relationships**, 13 (1), 1996, p. 57-83.

DIMAGGIO, Paul J.; POWELL, Walter W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. **American Sociological Review**, Washington, DC, v.48, n.2, p.147-160, Apr. 1983.

DUCK, S. & PERLMAN, D. **Understanding personal relationships**. London: Sage, 1985.

FEHR, B., **Friendship processes**. London; editora Sage, 1996.

- FRANCO, Augusto de. **10 escritos sobre redes sociais** - São Paulo: 2010. 128 p.
- FROMM, Erich. **Do Ter ao Ser**. Rio de Janeiro, editora Manole, 1987.
- GAMBA, José Roberto e GIGLIO, Ernesto Michelangelo, Formação e gerenciamento de redes como estratégia de desenvolvimento: O exemplo da rede social e técnica das cooperativas habitacionais – **ANAIS do 7º Seminário de Gestão Organizacional Contemporânea e 1º Encontro Internacional de Práticas Gerenciais** – UFES – ES – 2012.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3ª. ed. São Paulo: editora Atlas, 1991.
- GRANOVETTER, Mark. Economic Action and Social Structure: A Theory of Embeddedness. **American Journal of Sociology** 91: 1985, p. 481-510.
- HOLLANDER, E. P., *Leaders, Groups and Influence*, N. Y., **Oxford, University Press**, 1978.
- KOH, Y. J., MENDELSON, M. J., & RHEE, U. Friendship satisfaction in Korean and Canadian university students, **Canadian Journal of Behavioural Science**, v.35, 2003, p. 239-253.
- MARTELETO, R. M. **Análise de Redes Sociais – aplicação nos estudos de transferência da informação**. Ci. Inf., Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.
- MATTAR, Fauze Najib. **Pesquisa de marketing**. São Paulo: editora Atlas, 1996.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. (C. Moura, Trad.) São Paulo: editora Martins Fontes 1994.
- MORIN, Edgar, **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro, editora Bertrand Brasil, 2000.
- NOHRIA, N.; ECCLES, R. *Networks and organizations*. Boston: **Harvard Business School Press**, 1992.
- OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Gestão para resultados: atuação, conhecimentos, habilidades**. São Paulo: editora Atlas, 2010.
- PINSONNEAULT, A.; KRAMER, K.L. Survey research methodology in management information system: an assessment. **Journal of Management Information Systems**, v. 10, n 2, Autumn, 1993. p. 75-105.
- RASWLINS, W. K. **Friendship matters**. New York: Aldine de Gruyter, 1992.
- RICHARDSON, Robert Jarry et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª. ed. São Paulo: editora Atlas, 1999, p. 334.
- SÁ, M S M; VALLE, B de B R do; DELOU, C M C; et al. **Introdução à Psicopedagogia**. 2ª. ed. Curitiba: editora IESDE Brasil S.A. 2008, p. 140.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la Investigación**. México: editora McGraw Hill, 1994, p. 288.

- SANTOS, Elder Cerqueira, Redes sociais e relacionamentos de amizade ao longo do ciclo vital. **Revista Psicopedagógica**. vol. 28 n°. 85, São Paulo, 2011.
- SARASON, B. & PIERCE, G., Social and personal relationships: Current issues, future directions. **Journal of Social and Personal Relationships**, 12(4), 1995, pp. 613-619.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**. 34ª. ed. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- SENGE, Peter. **A quinta disciplina: arte, teoria e prática da organização de aprendizagem**. 10ª. ed. São Paulo: editora Best Seller, 1995. 351p.
- SOARES, Andréa de Almeida Rosa. As mudanças na educação brasileira no contexto neoliberal e suas implicações no ensino superior. **VIII Congresso Latino americano de Humanidades**, Campos de Goytacazes, 2007.
- SOARES, J.F. O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. In: Mello y Souza, A. **Dimensões da Avaliação Educacional**. Petrópolis: editora Vozes, 2005.
- SOUZA LK, HUTZ C.S. Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade, 38(2): **Revista Psico-PUCRS**. 2007; pp.125-32.
- TOMAÉL, M.I. Redes sociais, conhecimento e inovação localizada. **Revista Informação**, v. 12, n. especial, Londrina, 2007.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: editora Atlas, 1987, p.175.
- VERSCHOORE, Jorge Renato e BALESTRIN, Alsones, Ganhos competitivos das empresas em redes de cooperação, **FEA-USP/RAUSP-eletrônica**, v.1, n°. 1, art.2, jan/junho. 2008.
- WECHSLER, S. M. **Criatividade: descobrindo e encorajando**. Campinas, SP: editora IDB. 2008.
- WENTZEL, Kathryn. PhD da Universidade de Maryland Ago, 2004. **Monitor on Psychology**. v.35, n°. 7, 2004.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Tradução de Daniel Grassi. Porto Alegre: editora Bookman, 2001, p. 205.
- YUKL, G.; VAN FLEET, D. Theory and research on leadership in organizations. In: DUNNETTE, M. D.; HOUGH, L. M. (Eds.). Handbook of industrial and organizational psychology. Palo Alto: **Consulting Psychologists Press**, 1992.
- ZUCKERMAN, Ezra W. e JOST, John T. **Social Psychology Quarterly**, Stanford University v. 64, n°. 3, 2001, p. 207-223